



## LINGUAGEM VISUAL E OS PROCESSOS DE INTERAÇÃO COM ALUNOS PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS

Olindete de Araújo<sup>1</sup>  
Elton Castro Rodrigues dos Santos<sup>2</sup>

### RESUMO

A proposta do presente artigo é analisar a linguagem visual e os processos de interação com alunos portadores de necessidades especiais. Levando em considerações a busca de metodologia e práticas pedagógicas que possibilitem a aprendizagem dos alunos inclusos no ensino regular da Educação Infantil na instituição Centro Municipal de Educação Básica Sorriso (CMEB Sorriso), como também, na sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE). O método predominante desta pesquisa foi o descritivo, cuja a finalidade é de analisar o desenvolvimento e aprendizado de crianças com necessidades especiais, através de um estudo aprofundado na neuroeducação, partindo de uma revisão bibliográfica. A experiência aqui relatada mostra, portanto, a real necessidade de se aprofundar em métodos de trabalhos nos quais o uso da linguagem visual esteja mais presente na escola, como expectador passivo e como personagem importante nesse processo. Analisou-se que a escola está cumprindo seu papel com estratégias que permitam a integração dos alunos de forma mais autônoma, sendo importante ressaltar que o presente estudo não pretendeu confirmar nenhum método específico da linguagem visual, mas mostrar que essas atividades podem ser feitas sob diversos pontos de vista, dependendo dos objetivos que o professor quiser atingir em suas aulas, como também, dentro dos conteúdos trabalhados. Apesar dessas constatações, é importante ressaltar que os objetivos propostos foram alcançados, pois no decorrer do processo houve uma evolução que aconteceu gradativamente, onde aos poucos os alunos foram se familiarizando com as atividades aplicadas em sala, passando a vê-las não só como meras brincadeiras, mas como fonte de conhecimento e aprendizado.

**Palavras-chave:** Linguagem Visual. Educação Infantil. Práticas Pedagógicas.

### INTRODUÇÃO

Diferente do que ocorreu em séculos passados, hoje a linguagem visual tem ganhado destaque com a criação da tecnologia, percebe-se que a imagem praticamente está substituindo as palavras e a escrita. A característica da cultura visual é compreender a vida contemporânea, no contexto de sermos à imagem, ou seja, a identidade de cada sujeito e da natureza em si. Portanto, a linguagem visual na sala de aula atua como uma receptora onde por si só, faz a inclusão escolar para crianças especiais, dispensando intérpretes. Sendo interativa e condizente com o conhecimento que cada sujeito vive no seu dia a dia. Portanto, assume o papel de ser

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia, Especialista em Educação Inclusiva. Atualmente é mestranda na Universidade Saint Alcuin – Chile, [olindetearaujo@hotmail.com](mailto:olindetearaujo@hotmail.com)

<sup>2</sup> Especialista em Educação Inclusiva, mestrado e doutorado em Educação, orientador deste trabalho e membro e orientador na Universidade Saint Alcuin – Chile, [eltoncastr@gmail.com](mailto:eltoncastr@gmail.com)



uma cultura dependente e passiva, pois cabe a nós professores construir novas propostas de ensino e atuar com um olhar diferenciado em sala de aula.

Analisando essas informações sobre a linguagem visual na educação infantil com crianças da inclusão, constata-se que tais aspectos são praticamente desprezados pelos professores em sala de aula, que muitas vezes acabam utilizando as imagens apenas como ilustração de seu imponente e importante conteúdo programático. Nessa perspectiva faz-se necessários estar sempre possibilitando novas oportunidades para que as crianças desenvolvam o imaginário social de forma significativa, uma vez que as imagens é algo presente o tempo todo na educação infantil. (TARDY, 1976, p.59).

Leva-se em consideração também, que todo este processo exige comprometimento por parte dos professores, dos alunos e da escola como um todo. “Este é o grande desafio que se apresenta aos professores na atualidade, dado que, alunos pertencem a uma civilização icônica, enquanto os professores pertencem a uma civilização pré-icônica” (TARDY, 1976, p. 27). Portanto, a ligação entre os professores e alunos para a construção do conhecimento é indispensável neste processo de formação.

Desse modo, a escolha por pesquisar sobre a inclusão de crianças portadoras de necessidades especiais, surgiu a partir do momento em que me introduzi no contexto escolar da Educação Infantil, há cerca de 10 anos. Quando houve um aumento de crianças especiais no ambiente escolar em que eu fazia parte, sendo necessário realizar uma mudança estrutural no processo de ensino, já que estas crianças necessitavam de um atendimento especializado.

Assim, com a entrada destas crianças em sala de aula foi necessário ter a presença de estagiários que não estavam preparados para atender este público, como também, deparou-se com uma deficiência na formação dos professores para gerar a inclusão necessária, assim, este fato ocasionou a evasão escolar, o que despertou o interesse da pesquisa. Com isso, surgiu esse estudo baseado nas leituras da dissertação realizada para o mestrado. Portanto, na busca de melhor atender os alunos com estas características, procurou-se identificar ferramentas que pudessem ser eficientes para atender as necessidades naquele momento, então, constatou-se que a linguagem visual era eficiente neste processo, sendo assim, a pesquisa se consolidou a fim de verificar a consideração dos docentes sobre esta ferramenta, como solução para o auxílio pedagógico no dia a dia escolar.

A justificativa deu-se por falta de recursos metodológicos educacionais específicos, para atender a demanda da inclusão escolar no ensino infantil, cuja a intenção é oferecer uma solução



ou proposta aplicáveis à toda e qualquer situação educativa na educação inclusiva, buscando uma prática pedagógica eficiente entre o aluno e o professor.

O método da linguagem visual é mais um recurso importante e alternativo na intervenção de aluno com necessidades especiais, sendo mais uma possibilidade de ação pedagógica no âmbito da Educação Infantil. Com esta prática o professor poderá aproveitar a diversidade de recursos humanos e materiais disponíveis na comunidade em que ela está inserida, a fim de que, o aluno ao longo da escolaridade tenha a oportunidade de um aprendizado.

A linguagem visual será mais uma estratégia para se caminhar rumo ao desenvolvimento expressivo e representativo dessas crianças com necessidades especiais. O espaço escolar, atualmente tem de ser visto como espaço de todos e para todos, sendo por direito segundo a constituição. O objetivo deste trabalho foi analisar a linguagem visual como intervenção metodológica, tendo como foco principal a inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino regular.

Conforme Hernández (2000, p. 57), o professor em relação ao aluno portador de necessidades especiais deve: “ajudá-los a construir por eles mesmos uma infraestrutura epistemológica para interpretar os fenômenos com os quais se relacionam”. Na cultura visual, o referido autor salienta que não existem receptores nem leitores, e sim, construtores, já que não se trabalha diante da passividade, pois é trabalhado através da interação.

## **METODOLOGIA**

O estudo foi desenvolvido por meio da pesquisa qualitativa tendo como objetivo, analisar a linguagem visual através da intervenção metodológica, como foco principal a inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino regular da Educação Infantil. Portanto, essa pesquisa qualitativa constituiu-se em coletar dados, através de observação do grupo em análise, na sala regular da Educação Infantil com desenvolvimento da linguagem visual, como também, na sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE).

A análise dos dados coletados foi transcrita, ou seja, codificada, gerando teorias baseadas nos dados. Utilizou-se o método quantitativo, pois foi realizado a comparação de informações mediante cálculos quantitativos e informações coletadas. Na coleta de dados foram utilizadas entrevistas estruturadas, contendo perguntas abertas, objetivas e subjetivas, com professores regentes e de área, como também, auxiliares de sala. Após as observações foi



verificado os tipos de intervenções metodológicas que o professor do (AEE) geralmente utiliza para incluir os alunos portadores de necessidades especiais na sala regular.

## **VOZES DOS PROFESSORES/ ENTREVISTADOS**

Primeiro o questionário buscou entender a amostra e avaliou questões relacionadas ao tempo de serviço, profissão, entre outras. No quesito de análise sobre a distribuição por gênero na área de educação especial, percebemos que apenas 17% dos entrevistados eram do gênero masculino e 83% do gênero feminino.

Durante todo o estudo dessa pesquisa, tanto nas leituras, como também, nas observações durante a pesquisa e nos anos trabalhados em sala de aula, percebeu-se que a maior parte dos docentes que compõem o quadro de professores em escolas estaduais e municipais, são do gênero feminino, caracterizando um comportamento que envolve práticas culturais, mas, já constata-se mudanças ao longo dos anos em relação a essa temática. Atualmente é possível verificar a participação masculina, de modo mais efetivo, dentro deste mercado de trabalho em todos os anos e disciplinas.

Na análise sobre o tempo de experiência em sala de aula, 66,6% estão há 10 anos no ambiente escolar e 33,3% há 5 anos. A maior parte dos docentes que participaram da pesquisa mostram que apresentam mais de 5 anos de experiência em sala de aula, isto é importante pois, percebe-se que estes docentes que já estão há muito tempo em atividades em sala de aula, passaram por muitas experiências desafiantes na área da educação nos últimos anos, como a inclusão de crianças especiais em escolas regulares. Como também, percebeu-se através do levantamento de dados, os novos docentes com carreira até 5 anos, demonstrando a integração de novos professores no ensino de Sorriso – MT. Em relação à área de trabalho, 66,6% dos sujeitos da pesquisa são pedagogos; 16,6% professores de educação física e 16,6% auxiliares de sala de aula.

No levantamento de dados à respeito de treinamentos dos professores na área de atendimento aos alunos portadores de necessidades especiais, foram realizados alguns questionamentos:

a) Treinamento e formação dos sujeitos da pesquisa para atender a demanda da educação especial dentro das escolas inclusivas: neste questionamento foram ofertadas algumas alternativas de respostas para os sujeitos da pesquisa como: “acredito que não” (16,6%); “acredito que sim” (16,6%); “não tinha certeza” (16,6%); “não sabia” (16,6%) e “nenhuma das



opções” (33,3%). Os sujeitos da pesquisa não conseguiram dar uma resposta precisa a essa pergunta, apenas 1 sujeito da pesquisa (16,6%), respondeu que acreditava que tinha recebido alguma orientação em relação a algum treinamento para atendimento de alunos portadores de necessidades especiais.

b) Preparo dos sujeitos da pesquisa em relação a receberem alunos portadores de necessidades especiais: 83,3% responderam que não estão preparados para receber alunos portadores de alguma necessidade especial e 16,6% responderam que talvez estejam aptos para desenvolverem o seu trabalho com essa clientela de aluno.

c) Opinião dos sujeitos da pesquisa sobre a oferta das escolas regulares, em particular a Educação Infantil, através de uma pedagogia de excelência, centrada na criança portadora de necessidades educacionais especiais: metade das respostas (50%) dos sujeitos da pesquisa foi de que a Educação Infantil não agrega uma pedagogia de excelência centrada na criança portadora de necessidades educacionais especiais; 33,3% afirmaram não saber responder este questionamento e 16,6% responderam que talvez as escolas regulares ofereçam uma pedagogia de excelência voltada ao atendimento de alunos portadores de necessidades especiais.

Diante dos desafios encontrados e conforme já apresentado nesta pesquisa, o foco foi verificar se os professores e auxiliares acreditavam na utilização de ferramentas visuais para o ensino com crianças especiais.

O professor auxilia na capacidade de corporificar os conhecimentos subjetivos em objetos de crescente senso de self, atento a observar as reais necessidades da criança para que esta consiga o melhor nas suas relações sociais, na capacidade de raciocínio e de aprendizagem, e na conquista de autonomia (LIMA, 1999, p.5).

A inclusão escolar tem que estar entrelaçada com o projeto pedagógico, um projeto que valorize a cultura e as experiências anteriores dos alunos, dando-os a liberdade de aprender de acordo com as suas condições. Um exemplo é o registro que se observa na pedagogia Montessoriana, pois ao avaliar o aluno na sua totalidade, o professor consegue planejar o ambiente de acordo com a intervenção pedagógica necessária, sendo que o professor montessoriano é um mediador do conhecimento, ele prepara materiais que incentivem a autonomia dos educandos, de modo que os alunos não precisam estar no mesmo ritmo, cada aluno trabalha em uma proposta com responsabilidade e liberdade.



## A INCLUSÃO ESCOLAR E A LINGUAGEM VISUAL

Existe uma problemática na relação entre a prática e o ensino com o público de alunos portadores de necessidades especiais, pois diante dessa perspectiva, necessita-se repensar a formação do educador e do educando, no sentido de possibilitar o conhecimento, levando em consideração a percepção da função da linguagem visual na educação, como campo de conhecimento tão importante na educação inclusiva.

Partindo da concepção de que a linguagem visual é uma manifestação que ocorre desde os primeiros momentos da história do homem, sendo também, estruturada em cada época e cultura, percebe-se que de maneira singular o conhecimento dessa linguagem visual contribuirá para um maior conhecimento do homem e do mundo. Portanto, a finalidade da linguagem visual na educação inclusiva é propiciar uma relação mais consciente do ser humano no mundo e para o mundo, contribuindo na formação de indivíduos mais críticos e criativos e que no futuro atuarão na transformação da sociedade.

Além do desenvolvimento da imaginação criadora e da percepção, destaca-se como questão de importante reflexão a possibilidade de o professor contribuir de maneira afetiva e cognitiva para o desenvolvimento da expressão da criança. Ao expressar-se por meio da linguagem visual, o educando manifesta seus desejos, seus sentimentos e expõe a sua personalidade. Livre de julgamento, seu subconsciente encontra espaço para se conhecer, relacionar, crescer dentro de um contexto que o antecede e norteia sua conduta.

Diante deste sentido que podemos vislumbrar toda a importância que a compreensão da linguagem visual pode ter no ensino escolar. Precisamos conquistar um espaço dentro da escola mostrando a sua significância como estratégia de ensino na educação inclusiva. Hernández (2000, p.89), afirma que:

Se o ensino da arte quiser chegar a ser um veículo de conhecimento e contribuir para uma visão intercultural e alternativa diante da homogeneização da atual cultura global e tecnológica, é necessária uma mudança que se vincule à transformação da formação dos professores e que possa voltar a pensar a função da escolaridade. (Hernández (2000, p. 89)

O Brasil obteve um avanço importante no processo de educação inclusiva com a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, que em consonância com a Constituição Federal garante a todos os mesmos direitos. “A luta pela inclusão das pessoas com deficiência é fortalecida no mundo todo, deixando para trás a história de séculos de descaso e



discriminação em relação as suas necessidades diferenciadas” (PIRES; SANCHES; TORRES, 2011, p. 02).

De acordo com Bogdan e Biklen (1994), investigar os conhecimentos práticos dos professores pedagogos e de área a partir de sua própria perspectiva, implica a construção de um método coerente. O estudo desta pesquisa foi desenvolvido por meio da pesquisa qualitativa tendo como objetivo a análise da linguagem visual como intervenção metodológica, tendo como foco principal a inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino regular da Educação Infantil, em consideração de que o conhecimento prático é uma construção pessoal e social. O levantamento de dados para análise foi realizado através de dez perguntas, com seis professores: oito pedagogos, um educador físico e um professor auxiliar, utilizando uma abordagem qualitativa.

Dessa forma, conforme Lüdke e André (1986), deve ser preservado o que cada caso tem de único, de particular, sem visar a generalização ou comparação dos resultados. Tendo em vista que o objetivo foi investigar as orientações do conhecimento prático de professores que atendem alunos da sala regular da Educação Infantil, sendo o foco a inclusão de alunos portadores de necessidades especiais. Assim, ocorreu a valorização da perspectiva dos próprios participantes, procurando desvelar as lógicas que guiam e sustentam suas ações pedagógicas, investigando os conhecimentos práticos que orientam as práticas educativas dos professores na educação inclusiva de alunos que fazem parte da Educação Infantil.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados deste processo demonstram alguns aspectos abordados na fundamentação teórica deste trabalho. O que se observa na prática atual é bem distante do que é previsto em lei. Todas as atividades apresentadas neste trabalho foram desenvolvidas em sala regular onde os alunos são inclusos na Educação Infantil.

Analisou-se que a escola está cumprindo o seu papel com estratégias que permitam a integração dos alunos de forma mais autônoma, porém é preciso que ocorram mudanças necessárias para a emancipação dos alunos com necessidades especiais, principalmente em relação à participação do Atendimento Educacional Especializado (AEE), que é o serviço da educação especial para atender aos alunos que possuem necessidades educacionais especiais. Diante da análise dos dados deste estudo, percebeu-se que é necessário um maior empenho e dedicação na busca de recursos didáticos e pedagógicos dentro do programa AEE, pois existem



pontos que precisam ser revistos. Percebeu-se que os professores ainda não entenderam o real papel do programa; dos aspectos legais de atuação; dos recursos e serviços oferecidos; quando oferecer, bem como, de que maneira podem ajudar essas crianças com suas diferenças e dificuldades.

Durante esta pesquisa percebeu-se também, um distanciamento entre o professor do AEE com o professor da sala de aula regular, onde a troca de experiência deveria ser um elo entre os profissionais, mas diante da análise dos dados notou-se que essa prática tão importante para o ensino e aprendizagem do aluno portador de necessidades especiais, não ocorre.

O amparo da lei em relação à oferta da educação especial (AEE), deve ocorrer preferencialmente na rede regular de ensino. A instituição escolar tem que oferecer uma sala de recursos multifuncionais e uma equipe especialista apta no atendimento educacional dentro da escola (Brasil, 2011).

O desespero dos professores por buscas de estratégias e metodologias para atender os alunos com dificuldades especiais quando os recebem em sua sala de aula é perceptível. Então, surge o questionamento se esses alunos estão recebendo um atendimento adequado e se está ocorrendo o desenvolvimento de aprendizagem deles. É de responsabilidade da escola e do professor pedagogo estimular e criar estratégias de ensino, fazendo com que os alunos tenham um desenvolvimento mais rico, ocorrendo a concretização da aprendizagem através das atividades propostas em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei no 9394/96. 1996.

BRASIL, **DECRETO Nº 7.611, DE 17 DE NOVEMBRO DE 2011** – Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências, 2011.

BOGDAN, R., Biklen, S., (1994). **Investigação Qualitativa em Educação – uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora.

HERNÁNDEZ, **Fernando**. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Tradução Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

PIRES, E. C. S.; SANCHES, A. A.; TORRES, W. R. **Dificuldades dos portadores de necessidades especiais na inclusão educacional**. Unitins, 2011. Disponível em: Acesso em 10 de out. 2017.



TARDY, Michel. **O Professor e as Imagens**; tradução de **Frederico Pessoa de Barros**. São Paulo, Cultrix, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1976.